



Gustavo Victorino

HOMENAGEM AO MESTRE

Um dos maiores contrabaixistas brasileiros de todos os tempos tem a sua memória homenageada por quem dele herdou não apenas o nome, mas também o talento. O genial Luizão Maia criou a chamada “levada de samba no baixo” que até hoje faz escola entre os amantes do instrumento. Depois de emprestar por décadas o seu talento a Elis Regina e a mais uma dúzia de grandes nomes da MPB, o mestre partiu em 2005 e agora é lembrado por seu filho, o competente Zé Luiz Maia, com um disco-homenagem que até o final do ano chega a todas as lojas pelo selo Delira Música. Composto exclusivamente por músicas de Luizão, o CD tem o sugestivo nome de “Tal Pai”, e nele os deliciosos temas do baixista ganham uma roupagem de primeira grandeza pelas mãos de uma seleção de craques liderada por Zé Luiz. Destaque para Tempero, Rio e Pinta Lá, algumas das obras do talento de Luizão que mesmo em outro plano deixou a semente da competência e da musicalidade entre nós. É um disco imperdível!

TAREFA TITÂNICA

Quando introduziu a marca Strinberg no Brasil, a Sonotec sabia que teria pela fren-

te uma luta colossal para impor os produtos da linha. O segmento de instrumentos populares se solidificou no Brasil de tal forma que a qualidade do produto já não mais justifica o preço baixo. A competitividade deu aos consumidores interessantes alternativas e fez da qualidade desses instrumentos uma surpreendente boa nova a quem procura um bom equipamento e não dispõe de recursos milionários para a compra de produtos top de linha. Pelo menos meia dúzia de grandes marcas disputa esse segmento e oferece qualidade não mais como adicional ao preço convidativo, mas como condição inarredável para seduzir o consumidor brasileiro. E a tarefa titânica da Sonotec foi cumprida com invejável sucesso. Os instrumentos da marca Strinberg estão hoje entre os mais vendidos do país em praticamente todos os segmentos. E mais uma vez a união de trabalho e competência mostrou sua força.

PREÇOS EM QUEDA?

A desabada inexorável do dólar vai tornar a Expomusic 2008, em setembro, ainda mais interessante. Tem lojista que vai visitar a feira desse ano com as tabelas de preços dos importadores do ano passado. E na época o dólar era dois por um.

PRÊMIO MULTISHOW

Caretas à parte, o Prêmio Multishow, que anda mais para “escolha” do que qualquer outra coisa virou fato obrigatório para análise de críticos musicais. O canal da Net ganhou importância como plataforma de sucesso no Brasil e isso pode ser questionado apenas pelo gosto duvidoso

e os interesses que circundam os artistas escolhidos pela casa. Como sempre, o evento teve de tudo, de mancadas a acertos, de injustiças a alguns prêmios bem coerentes, e tudo isso é parte integrante da festa, afinal, futebol sem erro do juiz não teria graça nenhuma. É uma festa voltada ao eixo Rio-São Paulo, e isso tira um pouco do interesse nacional pela coisa. A homenagem a Lulu Santos, a apresentação (mesmo nervosa) de Lázaro Ramos e a manutenção do evento no Teatro Municipal do Rio de Janeiro foram acertos elogiáveis. A falta de prêmios técnicos, o foco centralizador no pop e no rock farofa, a presença de torcidas organizadas (o evento deveria ser fechado à classe) e algumas escolhas, visivelmente influenciadas por interesses da casa ou de grandes gravadoras continuam comprometendo a seriedade do evento. Apesar dos avanços, continua um bundalê carioca-paulistano.

AVISO A OUIDOS SENSÍVEIS

Vem aí mais uma professora de aeróbica baiana. E nossos ouvidos que agüentem...

DANELECTRO

Mesmo não sendo mais importadas para o Brasil, as guitarras da Danelectro continuam fazendo sucesso mundo afora graças ao seu timbre agudo, seco e cortante. Mesmo sendo patrocinado pela Gretsch, Brian Setzer andou empunhando uma em um show na Califórnia. Elvis Costello não larga a sua e até Eric Clapton, endorse histórico da Fender, já foi flagrado tocando uma 56U da Danelectro.

Aqui no Brasil, apesar do preço convidativo, as guitarras da marca não decolaram. Coisas do mercado.

DANDO UM TEMPO

A vinda de Amy Winehouse ao Brasil em 2009 ganhou compasso de espera. Como vem acontecendo com a maioria dos contratantes, o pool brasileiro que traria a moça está em um compasso de espera para ver como vai evoluir a “porralouquice” da moça. É muita grana em jogo para arriscar um mico como ela vem pagando nos seus últimos shows. Para mim continua sendo uma cantora comum que se promove muito mais pelas arruaças do que pelo talento mediano. E ainda é feia de doer.

ESTRANHA FALSIFICAÇÃO

Há alguns anos a denúncia de que alguns fabricantes americanos estavam produzindo instrumentos no Oriente e no México e gravando “Made in USA” logo atingiu em cheio várias empresas na terra do Tio Sam. Teve multa e advertência para todo o lado. Pois a ‘sacanagem’ voltou e com isso o questionamento sobre a qualidade do produto “Made in USA” também. No segmento de instrumentos de corda a coisa começou a ficar escancarada. Uma famosa marca, já advertida no início da década, pode ser jogada dentro do Lago Michigan se as multas do passado (e suspensas temporariamente) forem executadas em caráter punitivo definitivo.

FESTA NACIONAL DA MÚSICA 2008

O maior encontro de artistas e profissio-

nais do mercado fonográfico brasileiro já tem data confirmada. Acontece de 20 a 24 de outubro em Canela, na serra gaúcha. No site do evento é possível saber detalhes da festa que reúne mais de 500 pessoas ligadas à produção musical brasileira. E a **Backstage** vai estar lá!

A VOLTA DA SACANAGEM

Vem aí mais uma campanha eleitoral e como sempre, dezenas de artistas terão suas músicas usadas por candidatos Brasil afora sem receber um tostão por isso. E o que é pior, na maioria das vezes, nem sabem quem é o vivente. Quem tem uma editora forte e bons advogados consegue receber algum ou cortar a esparteza. Mas a grande maioria é roubada e nem fica sabendo.

GRIFE

Rock in Rio Lisboa, Rock in Rio Madri... E quanto terá o Rock in Rio... no Rio ??!

REALISMO CRUEL

A vinda de Chuck Berry ao Brasil foi uma injeção de rock visceral e autêntico nas veias da garotada que só ouviu falar do criador de clássicos como “Johnny B. Good” e “Roll Over Beethoven” por seus pais ou avós. Mas a verdade precisa ser dita. Os 81 anos do roqueiro pesaram nas apresentações e não poderia ser diferente. Tendo como exemplo outras estrelas históricas e vencidas que andaram por aqui, é preciso admitir que a ação do tempo é cruel e absolutamente devastadora do ponto de vista técnico. Lendas como o próprio Chuck, B.B. King, Tony Bennett, Charles Aznavour e outros estão longe de demonstrar no palco a competência e o ta-

lento que os colocou na história da música contemporânea. Em alguns casos, os shows são absolutamente constrangedores. Os espetáculos acabam virando meros tributos caça níqueis a lendas da música do passado. Nada contra os velhinhos, mas pagar em média 200 pratas para show-homenagem ninguém merece.

DOS E-MAILS

“Os preços dos produtos importados não baixaram e alguns produtos nacionais subiram de preço. É tudo especulação...” (Sadi Ebehart – Londrina PR)

Não acredito em especulação porque o mercado brasileiro se ajusta à realidade financeira do nosso consumidor. A marca de guitarra mais vendida no mundo, por exemplo, não está entre as mais vendidas no país. E não precisa ser gênio para saber o motivo.

“Liguei para o importador do teclado (...) e eles disseram que o produto estava fora de linha e não tinha mais peça de reposição. E agora? Como eu fico?” (Marcel Molina – Belo Horizonte MG)

Caro Marcel, o teclado descrito no seu e-mail é do início dos anos 90 e, portanto, há muito descontinuado pelo fabricante. Equipamentos eletrônicos muito antigos têm esse peso e são considerados vintage exatamente porque vivem de canibalizações de outros modelos similares parados. As peças são caras e difíceis de serem encontradas. No seu caso, o pré de saída que alega estar queimado vai custar quase metade do preço de um teclado novo do mesmo nível. E nessa hora eu renovo a pergunta. Vale a pena ter um equipamento assim?